

UM DESTINO PARADISIÁCO, PERFEITO PARA RELAXAR.
MAS ALGUÉM ESTÁ COM SEDE DE VINGANÇA...

intrínseca

O RETIRO

Autora de **O SANATÓRIO**

SARAH PEARSE

O

RETIRO

SARAH PEARSE

TRADUÇÃO DE ANDRÉ CZARNOBAI



Copyright © Sarah Pearse Ltd 2022

TÍTULO ORIGINAL
The Retreat

COPIDESQUE
João Guilherme Rodrigues

REVISÃO
Thaís Carvas
Thais Entriel

PROJETO GRÁFICO
Larissa Fernandez e Leticia Fernandez

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA
R. Shailer/TW

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P374r

Pearse, Sarah
O retiro / Sarah Pearse ; tradução André Czarnobai. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2023.

Tradução de: The retreat
ISBN 978-65-5560-358-3

1. Ficção inglesa. I. Czarnobai, André. II. Título

22-81583

CDD: 823
CDU: 82-3(410)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha mãe





“Não interessa se você é um rei ou um lixeiro,
no fim todos dançam com a morte.”

Últimas palavras do assassino condenado

Robert Alton Harris







PRÓLOGO

Verão de 2003

O grito de Thea atravessa rasgando a clareira, assustando os pássaros, que fogem das árvores num turbilhão de asas.

Não é um som humano; é um ruído agudo e desesperado, o tipo de grito que faz seu estômago revirar e suas orelhas arderem.

Ela deveria ter esperado até eles voltarem ao acampamento. Ele disse para ela esperar.

Mas Thea insistira. Meia hora e três cervejas depois de terem se afastado do acampamento para ficar um pouco a sós, ela não conseguiu mais aguentar: “Não me olha desse jeito, a culpa é sua por ter trazido tanta cerveja. Grita se você vir alguém por perto...”

Rindo, ela se afastara alguns metros e se posicionara de modo que Ollie só conseguisse enxergar a pontinha suja de areia de seus sapatos brancos, enquanto uma trilha molhada se espalhava pelo chão.

O grito se intensifica.

Por um instante, Ollie congela, mas o instinto aflora: ele resolve agir, correndo na direção dela. Porém, quase de imediato, para, levantando uma nuvem de poeira e folhas no ar.

Um movimento: alguém saindo do emaranhado de galhos.

A rocha no topo da falésia que dá nome à ilha lança uma sombra sobre eles, mas na mesma hora Ollie percebe que aquela pessoa não

era do acampamento. Ela não está usando bermuda e camiseta como as crianças, e suas roupas não têm o verde vibrante das usadas pelos monitores; o que veste é uma coisa escura e sem forma.

Os olhos de Ollie correm até Thea. Agora consegue vê-la se debatendo freneticamente contra a densa vegetação rasteira.

Ele quer se mover, fazer alguma coisa, mas seu corpo não reage. Consegue apenas olhar, seu coração se retorcendo, batendo forte contra as costelas.

Um movimento violento ocorre e, logo em seguida, um som: o estalo molhado de algo se quebrando.

Um som que ele nunca tinha ouvido até aquele momento.

Ollie fecha os olhos. Ele sabe que aquela é Thea, mas, em sua cabeça, a transformou em outra coisa. Em uma boneca. Um manequim.

Qualquer coisa, menos ela.

Seus olhos se abrem e, então, ele vê: a trilha molhada havia se convertido em algo mais grosso e escuro.

Sangue.

A trilha bifurca, como a ponta da língua de uma cobra.

Outro golpe: dessa vez mais forte e mais rápido, mas ele quase não o registra, assim como o segundo grito de Thea — sufocado, como se estivesse entalado em sua garganta —, porque Ollie já está correndo.

Corre mata adentro, em direção à enseada que ele e Thea haviam descoberto no dia anterior, enquanto os demais estavam fazendo a fogueira. E, apesar de fingirem que tinham parado ali apenas para jogar conversa fora, beber, era óbvio que não ficaria só nisso.

A mão dele na pele dela, a boca encostada na dele...

Aquele pensamento é insuportável; ele acelera. É como se estivesse correndo sem enxergar — o sol se pondo, raios de luz entrando pela copa das árvores, seus olhos vendo apenas um borrão verde-nebuloso e, no chão, o tapete marrom-acinzentado das folhas. Seus tênis começam a deslizar, o chão seco tão escorregadio quanto lama.

Galhos cheios de espinhos espetam sua camiseta. Um acerta seu braço, rasga a pele macia da parte interna de seu pulso. O sangue aparece — uma linha irregular de gotinhas vermelhas brota em sua pele.

Ollie se sente como se já tivesse feito aquilo antes. Parece um *déjà-vu* estranho, como se não passasse de um sonho, um daqueles pesadelos nos quais você acorda suado e ofegante, do tipo que continua a persegui-lo tempos depois.

Mais alguns metros e a vegetação fica menos densa, o chão da floresta dá lugar à areia; a pedra lá embaixo, com suas marcas achatadas cobertas de pó de calcário. Ele alcança os degraus que Thea havia encontrado no dia anterior, nada mais que tábuas de madeira dispostas sobre o chão. O impulso joga seu corpo para a frente a cada passo, e ele precisa inclinar o peso para trás para não cair.

Quando chega ao pé da escada, Ollie pula para a areia e corre na direção de uma espécie de gruta em que ele e Thea haviam se deitado na noite anterior, com umas bebidas contrabandeadas.

Ollie fica de quatro no chão, encurvando as costas para passar pela abertura. E, assim que entra, ele senta e puxa os joelhos até o queixo, concentrando-se na respiração. Inspira e expira. Inspira e expira. Fica parado. Em silêncio. Mas seu corpo não colabora; ele treme em espasmos que não consegue controlar.

Com as mãos, Ollie cobre os ouvidos, como se a pressão pudesse expulsar aquele grito que ainda reverbera dentro dele. Mas agora não é só o som, tem a visão também: o corpo de Thea se dobrando, cedendo — como se o titereiro tivesse puxado violentamente as cordas da marionete que era seu corpo.

Então ele soca a rocha acima de si. E faz isso de novo e de novo até a pele se abrir, sangrando.

O vermelho mancha os nós de seus dedos, uma sensação aguda de dor o atravessa e, numa tentativa de se distrair daquilo tudo, ele tenta se concentrar nela. Mas não funciona.

A verdade ainda grita.

Ele a abandonou. Ele a abandonou. Ele fugiu.

Ollie coloca a cabeça entre as pernas e respira fundo, tremendo.

Os minutos se passam, mas ninguém aparece. Ele percebe que está começando a escurecer. Os últimos raios de sol estão indo embora, e a areia à sua frente vai sendo engolida pelas sombras.

Vai esperar mais um pouco, decide, e depois tentará voltar ao acampamento. E, à medida que o tempo vai passando, Ollie começa a se convencer de que tudo não passou de uma brincadeira, uma peça que Thea pregou a mando dos outros rapazes. Ele se agarra àquele pensamento: quando voltar ao acampamento, ela estará lá, rindo por ele ter saído correndo feito uma criança.

Alguns minutos depois, ele se arrasta para fora de seu esconderijo. Ao se levantar, olha cuidadosamente ao redor, mas a praia está deserta; não há ninguém ali.

Ollie corre de volta pela floresta, ainda agarrado àquele pensamento: *É uma piada. Thea está bem.* Mas, assim que chega à clareira, ele entende. O filete escuro que havia visto antes agora é um rio de sangue, formando um caminho sinuoso.

Ollie tenta olhar para ela, mas não consegue ir além dos sapatos brancos, agora imóveis e manchados de vermelho.

Isso não pode ser verdade. Não a Thea. Ela não pode estar...

Ele se vira, sentindo a bile subindo pela garganta.

E é então que percebe alguma coisa no chão, repousando sobre as folhas empoeiradas.

Uma pedra grande, com cerca de trinta centímetros de comprimento. Sua superfície está bem gasta, coberta de pequenos sulcos e arranhões onde foi castigada pelas ondas e pela areia, mas também está lisa em alguns pontos, e tem um contorno suave e delineado.

Ollie se agacha para pegá-la. Sente-a quente e arenosa contra a palma de sua mão. Tem algo de familiar nela, pensa ele, girando-a devagar entre seus dedos.

Então o rapaz percebe, e segura a pedra com força.

Inclinando a cabeça, olha para a rocha na falésia às suas costas, e depois volta a olhar para sua mão.

Ollie fica alternando de uma para a outra até que sua visão fica turva.

E logo percebe que o que está segurando não é só uma pedra. As curvas e os contornos sutis se parecem com os da rocha lá em cima.

A Pedra da Morte.

Quinta, 10h, 2021
@aventurascomjo

— Então, como eu prometi, aqui vão as atualizações... Estamos na praia, esperando um barco que vai nos levar até o retiro, mas eu não tinha me dado conta do quanto, na real, a ilha Cary é isolada... Imagino que sejam, pelo menos, uns vinte minutos de barco do continente até lá.

Jo vira o celular para mostrar o mar, e pode-se ver, vagamente, a ilha ao longe.

— Muita gente me pergunta sobre o LUMEN, então eu vou explicar tudinho. O LUMEN é um retiro de luxo na maravilhosa ilha que vocês acabaram de ver, no litoral sul de Devon. O design foi inspirado no ícone da arquitetura mexicana Luis Barragán, então estamos falando de chalés luxuosos e coloridos que nem doces, que foram construídos no meio da mata, com vista para o mar. Tem também algumas outras coisas muito especiais, como um espaço externo para praticar yoga, uma piscina com fundo de vidro e um balanço de corda muito louco que vai até a água... Você pode se jogar dele direto no mar. Uma das atrações mais espetaculares é um chalé sensacional que fica numa ilhota particular... Essa é pra vocês, pombinhos de lua de mel. Não consegui reservá-lo porque já estava ocupado, mas parece ser muito lindo. Mais tarde eu vou levar vocês para um passeio de caiaque, mas, para dar uma ideia das atividades de lazer que o lugar oferece, eles têm *stand up paddle*, meditação, caiaque, *foiilboard* e muito mais.

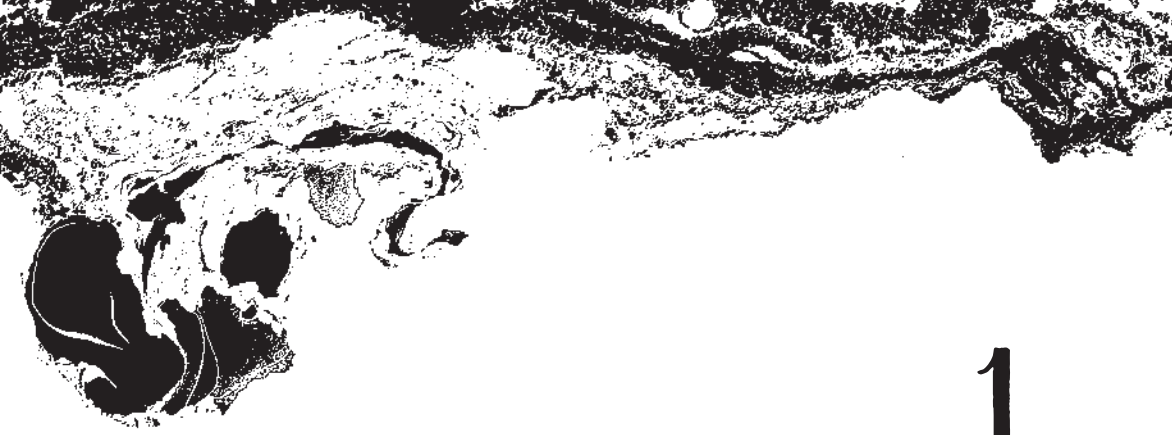
Ela faz uma pausa.

— E, agora, a parte sinistra: eu adoro a história por trás desse lugar. O rochedo que fica na costa, que dá pra ver daqui, é o que dá o apelido à ilha: Pedra da Morte. Macabro, né? E, de acordo com vários habitantes locais, a ilha é amaldiçoada. Dizem — ela abaixa a voz até se transformar num sussurro — que a pedra é uma manifestação da própria Morte. Durante a peste, as pessoas ficavam quarentenadas ali, deixadas para morrer. Diz a lenda que suas almas ainda estão por lá,

e elas só vão sossegar quando a Morte fizer uma nova vítima. Se você ficar por muito tempo, vai ser a próxima...

Mais uma vez, Jo vira a câmera para mostrar uma expressão de pavor fingido.

— Dá medo, né? Mas isso nem é tudo. Antigamente tinha uma escola na ilha, mas ela pegou fogo. O lugar ficou abandonado até que, no final dos anos 1990, o governo local resolveu usá-la como sede de uma organização sem fins lucrativos voltada para a educação. Tudo estava muito bem até que um grupo de adolescentes foi assassinado pelo zelador da ilha, Larson Creacher, em 2003. — Ela abaixa a voz novamente e continua: — Seria errado dizer que todas essas coisas sinistras meio que deixam tudo ainda mais interessante?



1

Dia 1

Conforme Elin Warner corre, o ar viscoso feito chiclete açoita seus olhos e seu cabelo.

São apenas seis da manhã, mas o calor já se ergue do asfalto em ondas sólidas, sem a menor brisa para afastá-las.

O trajeto que ela está seguindo faz parte de uma trilha nacional litorânea — tem casas em ambos os lados, casarões vitorianos e italianos luxuosos nas encostas arborizadas. O sol bate nas janelas enquanto o reflexo dela a acompanha no vidro — o cabelo loiro e curto subindo e formando um cogumelo a cada passo antes de se acomodar de volta ao redor do rosto.

As fachadas das casas parecem frágeis com o calor, seus contornos borrados. Os gramados estão secos e amarelados — a grama não só parou de crescer como também está definhando e morrendo, vários trechos sem nada, lembrando feridas abertas.

Outros verões também foram quentes, mas nada como este: semanas de sol a fio; temperaturas lá nas nuvens, batendo recordes. Os jornais não param de publicar imagens de estradas rachadas, além do velho clichê dos ovos fritando no capô dos carros. A previsão do tempo havia anunciado uma trégua, várias semanas atrás, mas isso não chegou a acontecer. O sol continuou. Os nervos à flor da pele, as pessoas prestes a surtar.

Elin está conseguindo manter a cabeça no lugar, mas seu panorama interno destoa do externo. A cada novo dia de calor escaldante, o exato oposto cresce em seu interior: o toque gelado do medo se aproximando.

Isso a tem mantido acordada durante a noite, com os mesmos pensamentos se repetindo. E, junto deles, sua estratégia de controle: a corrida, o exercício implacável. Nas últimas semanas, aquilo havia se intensificado — corridas mais cedo, corridas mais longas, corridas em segredo.

Autoflagelação.

Tudo porque seu irmão, Isaac, havia falado que o pai dela tinha entrado em contato.

Após mais alguns metros, as casas à esquerda dão lugar a um grande gramado. A trilha passa ao lado dele, contornando a ponta do penhasco.

Ela deixa o asfalto e corre até a entrada da trilha.

Um frio na barriga.

Não há nenhuma cerca, apenas um metro de terra entre ela e uma queda de quarenta metros até as rochas lá embaixo, mas Elin adora: aquilo, sim, é uma trilha litorânea — sem nenhuma casa entre ela e o mar. A vista se expande: Brixham à sua direita, Exmouth à sua esquerda. Tudo que ela vê é azul, o mar em um tom mais escuro e carregado do que o tom suave do céu da manhã.

A cada passo que dá, ela sente o calor do chão pela sola do tênis. Por um instante, pergunta-se o que aconteceria se continuasse em movimento: será que acabaria implodindo, como um motor que supera-quece, ou simplesmente seguiria em frente?

A ideia de seguir em frente até que seus pensamentos cessem e ela não precise mais se controlar é tentadora. É exatamente assim que parece, às vezes: como se precisasse se agarrar com muita força à normalidade. Um pequeno descuido e ela sucumbirá.

No topo do morro, Elin diminui a velocidade, as coxas gritando, cheias de ácido lático. Ela aperta o pause em seu Fitbit e vê um carro cinza subindo o morro. Está vindo depressa, o motor fazendo barulho, assustando as gaiotas que bicavam uma carcaça estirada na estrada.

Enquanto absorve o modelo e a cor, alguma coisa se encaixa. Identificou o carro do Steed, o agente de polícia convocado para ajudá-la durante sua transferência temporária. Ele passa a toda velocidade, um borrão metálico empoeirado levantando cascalho para todos os lados. Elin vê o perfil de Steed: nariz meio torto, queixo quadrado, cabelo um tanto rebelde dominado na base do gel. Algo na expressão dele a faz perder seu último resquício de fôlego. Elin a reconhece logo de cara: a intensidade discreta de alguém embebido em adrenalina.

Ele está trabalhando.

O carro para na base do morro. Steed abre a porta e dá uma corridinha em direção à praia.

Elin puxa o celular do short e olha para a tela. A sala de controle não ligou. *Uma missão, bem aqui do meu lado, e em vez de mim eles chamam Steed.*

Preocupações familiares reaparecem, as mesmas que a consumiam desde que o departamento de recursos humanos e Anna, sua chefe, decidiram que ela não estava pronta para assumir de forma plena suas funções após a pausa que havia feito na carreira.

Steed é agora um pontinho distante, aproximando-se da praia. Elin troca o peso do corpo de uma perna para a outra. Sabe que a coisa certa a fazer é dar sequência ao que havia planejado anteriormente — correr para casa, para o café da manhã, para Will —, mas seu orgulho fala mais alto.

Ela desce o morro em disparada, passa pelo carro de Steed e atravessa a estrada. Não há nenhum outro veículo; apenas um gato esgueirando-se pelo asfalto, tão sorrateiro que suas listras alaranjadas quase tocam o chão. Elin segue pelo trecho de grama seca em direção à praia vazia à sua frente. Nenhum sinal de Steed.

Na praia, dobra à esquerda e passa pelo restaurante empoleirado em pilares de metal. Um barraco de aparência rústica, com o nome gravado numa placa de madeira pendurada logo acima da porta. *The Lobster Pot*. Está fechado. Na noite passada, seu deque provavelmente estava agitado, luzinhas iluminando as garrafas de vinho dentro dos *coolers* e as travessas cheias de mexilhões e batatas fritas.

Um pouco mais à frente, ela o encontra; debaixo do beiral do restaurante. Está ajoelhado na areia, seus músculos retesados por baixo do tecido da camisa. Seu físico é sempre a primeira coisa que Elin nota em Steed, mas ele é uma dicotomia: aquele corpo forte e esculpido contrasta com a delicadeza de sua fisionomia — olhos sensuais e profundos, uma boca grande e carnuda. É um tipo raro de homem: aquele por quem as mulheres se sentem protegidas e ao mesmo tempo querem proteger.

Os dois entraram em uma relação profissional tranquila. Ele tem vinte e tantos anos, é mais jovem do que ela, porém não demonstra nenhum sinal daquela soberba agressiva que os homens dessa idade às vezes têm. Steed é muito astuto, tem um talento para fazer sempre as perguntas certas, uma inteligência emocional bastante rara.

Há uma mulher de pé ao lado dele. Parece estar na casa dos quarenta e tantos anos, é alta e musculosa. Ela ainda está vestindo uma touca de natação, da mesma cor de seu maiô, uma fina camada de borracha destacando o formato de sua cabeça. Apesar do calor, está tremendo, mudando o peso de um pé para o outro num ritmo nervoso.

Steed se mexe e, quando faz isso, Elin consegue ver: uma perna estatelada na areia — uma panturrilha branca, com fragmentos de alga colados na pele, mais parecendo alface.

Ela se aproxima para ver melhor.

Parece alguém ainda na adolescência. Ferimentos horríveis — cortes no rosto, no peito e nas pernas. As roupas estão quase totalmente retalhadas, a camisa polo rasgada na costura, descendo pelo torso.

Elin se aproxima um pouco mais e sua visão fica borrada novamente, o ar pegajoso dificultando que seus olhos mantenham o foco. Ela dá outro passo e sua reação se transforma em constatação.

Então puxa o ar com força.

Ao ouvir aquele som, Steed se vira para encará-la, seus olhos arregalados em surpresa.

— Elin? — Ele hesita. — Você está...

Mas o resto de suas palavras se perde no ar. Elin começa a correr. Agora entende por que ligaram para Steed em vez de para ela.

É óbvio.

2

Hana Leger e sua irmã, Jo, estão no cais à espera do barco que as levará até a ilha, suas malas e bolsas empilhadas ao redor. Hana passa a mão pela nuca. Parece que o sol está concentrado bem ali, como um laser.

O mar está cheio de gente: pessoas remando e nadando, botes, figuras solitárias atravessando o horizonte em suas pranchas. Crianças brincam no raso, chutando a água, e um bebê golpeia a espuma das ondas com seus braços gordinhos.

O estômago de Hana se revira, mas a garota se obriga a olhar de novo para o bebê agachado na areia.

Não desvie o olhar. Ela não pode fechar os olhos para sempre.

— Você está bem? — pergunta Jo.

A irmã está olhando para ela por detrás dos óculos. Assopra para cima, afastando os finíssimos fios de cabelo loiro quase branco que haviam se soltado de seu rabo de cavalo.

— Com calor, só — responde Hana. — Não esperava que fosse estar tão quente aqui, com a brisa do mar e tal.

Curtinho e desgrenhado, o cabelo escuro de Hana está molhado, grudando na nuca. Ela o agita com uma das mãos.

Jo começa a vasculhar a mochila. Ela usa um desses modelos leves e profissionais, cheio de zíperes e bolsos. Puxa uma garrafa d'água de dentro, toma um gole e oferece a Hana, que aceita: o líquido está quente e com gosto de plástico.

Sua irmã tem uma silhueta e tanto. Alta e bronzeada, consegue fazer com que um vestido de algodão branco e sandálias Birkenstock com estampa de oncinha e levemente desgastadas criem um visual simples e descolado. Cada centímetro do corpo de Jo é discretamente musculoso graças a uma rotina de yoga, corrida e esqui.

Hana a acompanha até a ponta do cais, semicerrando os olhos. A ilha em si não passa de um borrão — o sol, esse círculo brilhante, a ofusca por completo. Apenas uma coisa está visível: a famosa rocha que se projeta à esquerda da ilha, com seus contornos que sugerem uma figura encapuzada, e uma protuberância que se parece com uma foice.

O estômago de Hana se revira, aquela visão a atingindo direto em seu plexo solar.

— Eu não esperava que ela realmente parecesse...

— Com a Morte? — Jo gira a cabeça, o rabo de cavalo batendo em seu rosto.

— Sim.

Apesar dos óculos escuros, uma sombra nebulosa da rocha aparece toda vez que ela pisca os olhos. É um contraste brutal com o panfleto cheio de vegetação exuberante e praias de areia branca.

— Mas você está animada? Com a viagem, quero dizer. — Jo fala mais alto por causa do barulho de um jet ski.

— Claro que sim.

Hana força um sorriso. Secretamente, está com um forte receio em relação àquela viagem. Chegou a dizer não na primeira vez que Jo telefonara. A ideia de viajar com Bea, a irmã mais velha das duas, e Maya, prima delas, além de seus respectivos namorados, lhe pareceu estranha. Afinal, não se viam fazia meses, depois de anos se afastando gradualmente umas das outras. E, apesar de Jo ter dito que o objetivo daquilo era *reunir todas de novo*, Hana não tinha entendido muito bem o propósito. Por que agora? Por que depois de todo esse tempo?

Então Hana deu o que pensou ser uma desculpa bem segura: sem o Liam, aquilo não parecia certo. Mas Jo foi persistente: ligações, mensagens, até chegou a ir à casa de Hana — algo bastante raro —, carregando um folder que falava sobre o retiro.

Jo a venceu pelo cansaço, fazendo com que Hana se sentisse, ao mesmo tempo, velha e muito fresca por recusar o convite. O *modus operandi* de Jo era evidente: ela era uma líder, não porque era mandona, mas graças apenas à sua personalidade forte. De alguma maneira, as pessoas acabavam sendo fisgadas por ela, sem nem perceberem que estavam sendo conduzidas àquilo.

E se por um lado isso nunca incomodou muito Hana, sempre irritou Bea. Fã de livros e profundamente introvertida, Bea considerava a energia e a extroversão de Jo exageradas demais para seu gosto. Talvez Hana não se importasse tanto por ser uma espécie de meio-termo entre as duas: acadêmica, mas não no mesmo nível de Bea; esportista, mas não como Jo.

— Vou postar como é a vista da ilha daqui... — comenta Jo, tirando uma foto.

Hana lhe dá as costas. Isso a deixa puta — esse registro constante de cada passo que elas dão —, mas não pode reclamar. Essa viagem é resultado do trabalho frenético de Jo nas redes sociais: como influencer de viagens, a irmã costuma ser paga com esse tipo de coisa. Ela tem quase quatrocentos mil seguidores, que gostam de sua naturalidade, comentando sempre o quanto é fácil “se identificar” com ela — sua boca um pouco grande demais, seu nariz um pouco torto, ao estilo Barbra Streisand.

— Aquele ali não deve ser o nosso. — Jo enfia o celular de volta no bolso. — Ainda tá cedo.

Há um barco vindo pela água, deixando uma espuma branca por onde passa. Hana lê a palavra escrita em letras de forma na lateral do barco: LUMEN. Jo confere seu Fitbit.

— Nossa, na verdade só faltam cinco minutos. Cadê todo mundo? — Ela se vira para a praia. — Ah, acho que é o Seth vindo ali...

Hana vira para onde ela está olhando.

— Ah, é?

— Ah, é? — repete Jo, imitando-a. — Pelo menos finge um pouquinho de entusiasmo, Han. — Ela balança a cabeça. — Eu sei que você não gosta muito dele. Ele é muito “perigoso” — ela faz aspas com

os dedos — pra você, né? — A expressão de Jo fica séria. — Queria não ter te contado nada. Nem foi assim tão sério.

Uma gota de suor escorre pelas costas de Hana. Jo é especialista nisso: surpresas desagradáveis.

— Uma ficha criminal *é, sim*, uma coisa séria. A gente só estava preocupada com você.

— Ele se envolveu com as pessoas erradas. Ponto-final. Nem todo mundo é perfeito, sabe? Nem todo mundo pode passar o dia inteiro cantando musiquinhas alegres e ensinando crianças a fazer contas.

Hana olha para ela. *Pronto. Era só o que faltava.* É por isso que essa viagem é uma má ideia. Porque, como sempre, Jo é capaz de destruí-la com meia dúzia de palavras escolhidas a dedo. E o pior de tudo é que aquilo não é uma brincadeira, *é exatamente* o que o resto da família pensa dela — um clichê, atolada até os joelhos em massinha de modelar, cantando os nomes na chamada.

Nenhum deles conseguiria imaginar como as coisas são de verdade: os dedos grudentos das crianças, prontos para beliscar; as maquinações complexas de seus cérebros, que eles falam sem qualquer filtro; e como, após um semestre com elas, Hana sabe exatamente que tipo de ser humano vão se tornar.

Conforme Seth vai se aproximando, Jo acena, toda sorridente de novo. *Virou a chave.*

— Uhul — grita. — Você chegou!

Hana reage um segundo depois. Um homem forte, de bermuda e camiseta, vem andando na direção delas. Sua altura, seu jeito de andar, o boné de beisebol enterrado na cabeça — aquilo tudo é tão familiar que chega a dar um frio na barriga. Com o sol ofuscando a visão dela, é difícil enxergar o rosto dele, mas a semelhança é perturbadora. Apesar do que a lógica está lhe dizendo, seu coração acelera antes de a realidade a acertar.

É claro que não é ele. Liam se foi. Está morto, morto, morto.

Engolindo em seco, ela se recompõe. Então nota outra pessoa, mais franzina, vindo logo atrás de Seth. É Caleb, o namorado de Bea. Mas Bea não está ali. O que faz Hana perguntar:

— Cadê a Bea?

— Ela deu pra trás. — Jo fala ainda mais alto. — Eu te disse, não?

— Não — responde Hana, seca. — Quando foi isso?

— Semana passada. Apareceu alguma coisa no trabalho, eu acho.

Uma viagem para os Estados Unidos.

Bea cancelou. Isso não deveria ser nenhuma surpresa. Ela sempre foi viciada em trabalho, mas, nos últimos anos, aquilo havia se agravado muito.

— Então, ela mandou o Caleb no lugar. Um tapa-buraco.

Jo dá de ombros.

— Vai ser legal poder conhecê-lo melhor.

— Você não achou melhor remarcar para uma data em que a Bea pudesse vir?

— Não. Já era tarde demais e, além do mais, nós estamos precisando disso, Han. — Há uma expressão determinada em seu rosto. — Nos reconectar. — E, antes que Hana possa retrucar, Jo começa a andar pelo cais em passos longos e saltitantes. — Vou lá me encontrar com eles.

Mas, assim que passa por Hana, ela derruba a própria mochila, apoiada em cima de sua mala. E, como está aberta, o conteúdo logo se espalha: uma escova, um diário, uma bolsinha. Uma garrafa d'água pela metade sai rolando pelo cais.

— Merda...

Jo a pega e enfia tudo de volta de qualquer jeito dentro da mochila antes de voltar a correr em direção a Seth.

Hana está prestes a ir atrás quando percebe que Jo se esqueceu de pegar uma coisa: uma folha de papel toda amassada. Ela se abaixa e a recolhe. Seus olhos percorrem a página.

Está escrito *Hana*, e depois há três pequenas frases iguais, porém as duas primeiras riscadas.

Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Um retiro de bem-estar em uma ilha na costa da Inglaterra parece o lugar ideal para descansar. Só que a ilha em questão, conhecida como Pedra da Morte, tem um histórico sombrio. Outrora cenário dos terríveis crimes de um *serial killer*, é encarada por muitos como um local amaldiçoado. Isso, no entanto, não é o suficiente para afastar turistas, sempre fascinados pela aura misteriosa da ilha. É nesse contexto que chega uma leva mais recente de hóspedes, entre os quais duas irmãs e uma prima que parecem alimentar entre si ressentimentos do passado.

De repente, a paz naquele paraíso é interrompida quando uma mulher é encontrada morta na propriedade. À primeira vista, tudo indica se tratar de um acidente, mas a detetive Elin Warner não consegue deixar de sentir que há algo errado e que o ocorrido pode ser apenas a primeira peça de um enigma muito maior. Mas por que alguém cometeria um assassinato em um retiro luxuoso?

Quanto mais tempo Elin permanece ali, mais segredos descobre. E, quando outra pessoa morre em circunstâncias incomuns, a detetive começa a suspeitar que os boatos que rondam a ilha podem ser verdadeiros. Agora, ela precisa encontrar o assassino — porque o passado do lugar parece estar se repetindo. Em um esforço para evitar uma tragédia ainda maior, Elin percebe que todos estão em perigo e que cada dia pode nascer trazendo trágicas notícias.

Comparada com Agatha Christie, Stephen King e Hitchcock, Sarah Pearse traz novamente Elin Warner, protagonista de *O sanatório*, para mais uma trama sombria e cheia de reviravoltas.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1237/>